TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO PRECOCE

FABIANA ANDRÉO SILVA

RESUMO
Os transtornos de aprendizagem na educação infantil representam um desafio significativo para o desenvolvimento acadêmico e social das crianças, exigindo identificação e intervenção precoces. Este trabalho tem como objetivo analisar o papel do professor na detecção dessas dificuldades, bem como as estratégias pedagógicas mais indicadas para atender às necessidades dos alunos. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica. Os resultados indicam que a capacitação docente e o uso de metodologias inclusivas são fundamentais para minimizar os impactos dos transtornos de aprendizagem, promovendo um ambiente escolar mais acessível e estimulante. Conclui-se que a atuação proativa do professor, aliada ao suporte institucional e familiar, contribui significativamente para o sucesso educacional das crianças, garantindo um ensino mais equitativo e eficaz.

PALAVRAS-CHAVE: Transtornos de aprendizagem, Intervenção precoce, Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Os transtornos de aprendizagem representam um desafio significativo na educação infantil, uma vez que podem comprometer o desenvolvimento acadêmico e socioemocional da criança se não forem identificados e tratados precocemente. Esses transtornos, que incluem dislexia, discalculia e disgrafia, entre outros, afetam diretamente habilidades fundamentais como leitura, escrita e raciocínio lógico, impactando a trajetória escolar e a autoestima dos alunos. No contexto educacional, a dificuldade em reconhecer precocemente esses transtornos pode levar a um diagnóstico tardio, prejudicando as intervenções adequadas e contribuindo para dificuldades mais complexas ao longo da vida escolar.

A relevância desse tema está na necessidade de aprimorar o olhar dos educadores para os sinais indicativos de transtornos de aprendizagem e promover estratégias de intervenção eficazes desde a educação infantil. Uma abordagem precoce pode minimizar impactos negativos, proporcionando às crianças o suporte necessário para desenvolver seu potencial de forma integral. Além disso, compreender como a escola, a família e os profissionais especializados podem atuar em conjunto nesse processo é essencial para garantir um ambiente educacional mais inclusivo e acessível a todos os alunos.

A problemática que norteia esta pesquisa consiste na seguinte questão: como a identificação precoce dos transtornos de aprendizagem na educação infantil pode favorecer a implementação de estratégias pedagógicas eficazes para minimizar os impactos no desenvolvimento acadêmico e social da criança?

A partir dessa indagação, o estudo tem como objetivo principal compreender os processos de identificação dos transtornos de aprendizagem na educação infantil e analisar a importância das intervenções precoces no desenvolvimento da criança. Além disso, busca-se investigar o papel do professor na detecção dessas dificuldades, bem como as estratégias pedagógicas mais indicadas para atender às necessidades dos alunos com transtornos de aprendizagem.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa será conduzida por meio de uma revisão bibliográfica, baseada na análise de estudos científicos, artigos acadêmicos, livros e diretrizes educacionais que abordam o tema.

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

Os transtornos de aprendizagem são um verdadeiro desafio para professores, pais e alunos. Eles atrapalham a leitura, a escrita e a matemática, tornando a rotina escolar mais difícil e, muitas vezes, frustrante. O que muita gente não sabe é que essas dificuldades não surgem do nada nem são apenas uma questão de esforço ou desinteresse. Elas têm origem no funcionamento do próprio cérebro e acompanham a criança desde cedo, influenciando não só a vida acadêmi-

ca, mas também a autoestima e as relações sociais.
Entre os transtornos mais conhecidos, temos a dislexia, que embaralha as letras e dificulta a fluência na leitura; a disgrafia, que complica a escrita e deixa as palavras desorganizadas no papel; e a discalculia, que faz dos números um verdadeiro labirinto. Além disso, existem casos que não se encaixam perfeitamente nesses perfis, mas que ainda assim afetam o aprendizado e exigem atenção.
De acordo com Ohlweiler (2016) o impacto disso na vida escolar pode ser enorme. Se a criança não recebe o suporte necessário, ela começa a acumular frustrações e pode se sentir incapaz, o que pode levá-la a se desligar da escola e até ter dificuldades profissionais no futuro. É como um efeito dominó: um problema que não é resolvido a tempo acaba derrubando várias outras peças ao longo da vida.
A forma como esses transtornos são vistos mudou bastante com o tempo. No século XVII, médicos já relatavam casos de adultos que, depois de um derrame, perderam a capacidade de ler. Mas foi só no século XX que os especialistas perceberam que algumas crianças enfrentavam desafios parecidos sem terem sofrido nenhuma lesão, como aponta Relvas (2020). Ou seja, entendeu-se que a origem dessas dificuldades era neurológica e não apenas uma questão de falta de dedicação ou de um ensino ruim.
O grande segredo para lidar com isso é identificar os sinais o quanto antes. Quanto mais cedo um professor ou um especialista percebe que uma criança tem um transtorno de aprendizagem, mais rápido se pode agir e evitar que ela se sinta perdida. Porém, é preciso uma avaliação cuidadosa, feita por uma equipe de profissionais, e um acompanhamento personalizado para cada caso. O tratamento envolve desde adaptações na forma de ensinar até terapias específicas para ajudar o aluno a contornar essas dificuldades.
É bom lembrar que nem toda dificuldade na escola significa que a criança tem um transtorno de aprendizagem. Às vezes, um problema emocional, um método de ensino pouco eficaz ou até uma fase difícil podem atrapalhar o desempenho. A grande diferença é que, enquanto as dificuldades momentâneas passam com ajustes no ensino e no apoio emocional, os transtornos de aprendizagem persistem, mesmo quando a criança recebe um ensino de qualidade.
Para Carvalho (2015), o que realmente faz a diferença é o trabalho em equipe: professores, pais e profissionais de saúde precisam estar na mesma sintonia para que a criança tenha o suporte certo. Afinal, ninguém aprende do mesmo jeito, e rotular uma criança como "preguiçosa" ou "incapaz" só atrapalha ainda mais. Com as estratégias certas, cada aluno pode avançar no seu ritmo e construir um futuro sem tantas barreiras. Educação não deveria ser um caminho cheio de obstáculos, e sim uma trilha bem sinalizada para que todos possam seguir em frente.

IDENTIFICAÇÃO DOS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Identificar transtornos de aprendizagem na educação infantil é algo fundamental para garantir que a criança não enfrente dificuldades ao longo da vida escolar e, mais tarde, no desenvolvimento pessoal e profissional. Quando o problema é detectado cedo, há mais chances de uma intervenção eficaz, que pode aliviar o impacto dessas dificuldades ao longo do tempo. O professor, sendo uma figura constante no dia a dia da criança, tem um papel essencial nesse processo. Ele é quem observa o comportamento, o desempenho e as reações dos alunos de maneira contínua, o que permite perceber rapidamente quando algo foge do esperado.
Para perceber os sinais de um transtorno de aprendizagem, é necessário muito mais do que simplesmente notar que uma criança “demora mais para aprender” do que outras. Conforme explicam Cancian e Malacarne (2019) muitas vezes, os sinais são sutis, mas persistentes, como dificuldades motoras, como a coordenação de movimentos, dificuldades de fala, a dificuldade de reconhecer letras e números, ou até um desinteresse generalizado pelas atividades escolares.
No entanto, essas dificuldades são comumente interpretadas como falta de esforço ou até preguiça, o que impede que a criança

receba o suporte adequado a tempo. Com o tempo, esse ciclo de frustração pode afetar a autoestima da criança, fazendo com que ela se sinta incapaz ou inferior, sem que o verdadeiro problema, de origem neurológica, seja identificado.

A comunicação entre a escola e a família é essencial para tratar desses transtornos de forma eficaz. O professor que percebe os sinais de alerta deve buscar dialogar com os pais e, com o apoio da família, procurar ajuda especializada para que um diagnóstico correto seja feito. Essa parceria é fundamental, pois o diagnóstico de transtorno de aprendizagem exige uma avaliação abrangente e multidisciplinar, envolvendo profissionais como médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, entre outros, para garantir que o tratamento seja adequado à necessidade específica da criança.

No entanto, é importante destacar que nem toda dificuldade de aprendizagem é um transtorno. Algumas crianças podem enfrentar dificuldades temporárias devido a fatores emocionais, mudanças no ambiente escolar ou mesmo uma abordagem pedagógica inadequada. Segundo Relvas (2020) é essencial que o diagnóstico seja feito com cautela, sem pressa de rotular a criança. A diferenciação entre uma dificuldade passageira e um transtorno de aprendizagem envolve um olhar atento e uma compreensão mais profunda do contexto de cada criança.

A educação inclusiva e acolhedora é a chave para ajudar as crianças a superar seus desafios. Cada aluno tem um ritmo único, e a forma como a educação é oferecida deve ser ajustada para que todos possam aprender no seu tempo e com as estratégias que funcionam melhor para eles. Ao adotar uma abordagem mais flexível, em que o aluno é respeitado em suas particularidades, ele pode desenvolver sua confiança e autossuficiência, sem o peso de ser rotulado como incapaz.

Assim a identificação precoce e a abordagem cuidadosa são fundamentais. Quando o transtorno de aprendizagem é reconhecido cedo, a criança tem mais chances de superar as dificuldades de forma eficaz, desenvolvendo um aprendizado mais saudável e menos traumático. Assim, em vez de ver o aprendizado como um fardo, ele se torna um caminho cheio de possibilidades, no qual cada criança pode avançar, conquistar seus objetivos e se sentir valorizada.

A IMPORTÂNCIA DAS INTERVENÇÕES PRECOCES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O desenvolvimento infantil é um processo cheio de nuances e transformações, que vai muito além das mudanças físicas. Ele envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociais que caminham juntos, moldando a criança à medida que ela cresce. Desde os primeiros anos, a criança enfrenta uma série de desafios que vão impactar diretamente seu aprendizado, suas interações com os outros e seu comportamento. Quando esses desafios aparecem, seja na parte cognitiva, motora ou emocional, a intervenção precoce se torna algo indispensável. Quanto mais rápido o problema for identificado, melhor será a chance de agir a tempo e evitar que ele se transforme em algo maior e mais difícil de resolver.

Intervir de forma precoce significa oferecer o suporte necessário logo nos primeiros anos de vida, quando o cérebro da criança está super adaptável e pronto para aprender. É um momento onde o cérebro, ainda em formação, tem uma capacidade imensa de se adaptar a estímulos e novas experiências. Quanto antes a dificuldade for percebida, mais fácil será corrigir o rumo. É como se fosse um rio que começa a desviar para um caminho errado; se você perceber logo, é só dar um empurrãozinho para ele seguir a direção certa, conforme explica Lima et al., 2024.

O principal benefício de agir cedo é que, ao corrigir esses desvios logo no começo, você evita problemas bem mais sérios lá na frente. Crianças que recebem a ajuda certa na hora certa tendem a superar esses desafios e seguir em frente, alcançando o desenvolvimento esperado para a sua idade. Além disso, com o apoio adequado, o cérebro da criança vai se fortalecer nas áreas essenciais, como linguagem, raciocínio e habilidade social. Esses elementos são fundamentais para o sucesso escolar e para as relações com os colegas, já que é na infância que as bases de tudo isso começam a ser construídas.

Outro aspecto importante da intervenção precoce é que ela permite um planejamento mais eficaz de como as crianças vão ser apoiadas, seja na escola ou com o acompanhamento terapêutico. Para Lettiri (2020) crianças com dificuldades de aprendizagem, como dislexia, TDAH ou Transtorno do Espectro Autista, por exemplo, têm muito a ganhar quando recebem um suporte personalizado. A chave está em adaptar as estratégias de ensino às necessidades específicas de cada uma, já que, assim, o cérebro delas consegue aproveitar melhor os estímulos oferecidos.

Não se pode esquecer também do impacto que essas intervenções têm na saúde emocional da criança. Quando uma criança enfrenta dificuldades e não recebe a ajuda que precisa, ela pode começar a se sentir frustrada, insegura e até desmotivada. Isso pode prejudicar sua autoestima e dificultar suas interações sociais. Porém, quando a criança é acolhida e tem seu problema identificado e tratado logo no início, ela ganha confiança e se sente capaz de enfrentar os desafios que surgem. É como uma planta que, quando recebe a irrigação certa no momento certo, cresce forte e saudável. Sem isso, ela pode murchar.

De acordo com Pereira et al. (2021) a família tem um papel essencial nesse processo. Pais e responsáveis precisam estar atentos aos sinais de que a criança está tendo dificuldades e buscar ajuda especializada sem demorar. Quando a escola, a família e os profissionais trabalham juntos, o acompanhamento se torna mais completo e eficaz. Esse suporte multidisciplinar é a chave para que a criança possa superar as dificuldades e se desenvolver da melhor forma possível.

Além disso, as políticas públicas precisam ser mais eficazes para garantir que todas as crianças, independente da classe social, tenham acesso a diagnósticos e tratamentos adequados. Hudson (2019) afirma que é fundamental que existam programas de apoio, tanto pedagógicos quanto psicológicos, para que nenhuma criança fique para trás. Afinal, quanto mais cedo ela receber a ajuda de que precisa, maiores serão as chances de um futuro sem tantos obstáculos. Investir em intervenções precoces é garantir que as crianças tenham a oportunidade de florescer, sem que os problemas se arrastem e se tornem grandes barreiras no futuro.

Enfim, a intervenção precoce é um passo fundamental para dar às crianças um futuro mais leve e promissor. Quando identificamos e tratamos as dificuldades logo no início, damos a essas crianças a chance de superar qualquer obstáculo e de se desenvolver de maneira saudável. Cabe a sociedade, educadores e famílias trabalharem juntos para criar um ambiente estimulante, acessível e acolhedor, onde cada criança possa crescer e alcançar seu pleno potencial.

O PAPEL DO PROFESSOR NA IDENTIFICAÇÃO E ATENDIMENTO DE ALUNOS COM TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

O papel do professor é essencial quando se trata de identificar e apoiar alunos com dificuldades de aprendizagem. Afinal, ele é a pessoa que está ali todos os dias, observando de perto o comportamento e o desempenho dos alunos. É justamente por essa proximidade que ele se torna um dos primeiros a perceber que algo pode não estar indo bem. Se o aluno apresenta dificuldades recorrentes na leitura, escrita ou matemática, isso pode ser um sinal de que há algum transtorno, como dislexia, discalculia, disgrafia ou até TDAH. O professor, ao perceber essas dificuldades, acaba sendo o observador inicial, identificando padrões que podem passar despercebidos por outros.

De acordo com Mattos (2016) para que esse olhar seja realmente eficaz, é preciso que o professor tenha a formação e o treinamento necessários para perceber esses sinais. Não basta só notar que o aluno está com dificuldades; é preciso saber diferenciar entre uma dificuldade temporária e um problema persistente. Nesse processo, a observação contínua é o ponto-chave. Afinal, como Vygotsky já nos ensinou, a aprendizagem acontece a partir da interação do aluno com seu ambiente, e o professor tem um papel fundamental nessa construção.

Quando o professor percebe que o aluno está enfrentando dificuldades que vão além do esperado, é hora de envolver a equipe pedagógica e a família. Juntos, podem encaminhar o aluno para uma avaliação espe-

cializada, garantindo que ele receba o apoio necessário. Porém, o papel do professor não se resume a identificar o problema, ele também deve ser capaz de ajustar a sua forma de ensinar. Ou seja, adaptar a metodologia e tornar o aprendizado mais acessível e eficiente para todos. O bom professor sabe que cada aluno tem seu ritmo e suas necessidades, e é justamente aí que entra a magia da adaptação pedagógica.

Entre as estratégias que funcionam bem, Carvalho et al. (2022) destaca o uso de recursos diversificados. Por exemplo, no caso dos alunos com dislexia, trabalhar com imagens, jogos e leituras compartilhadas pode facilitar a aprendizagem. Já para os alunos com discalculia, o uso de materiais manipuláveis, como jogos matemáticos e material dourado, pode ser a chave para reforçar conceitos numéricos de forma mais concreta. A ideia é sempre buscar alternativas que ajudem o aluno a superar suas dificuldades.

A avaliação precisa ser flexível. Em vez de apenas aplicar provas tradicionais, o professor pode usar outros meios, como avaliações orais, ou até mesmo permitir que o aluno use a tecnologia a seu favor, como o computador para escrever. Outra possibilidade é oferecer mais tempo para as atividades ou adotar metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, que tornam o ambiente mais dinâmico e colaborativo. Tudo isso cria um clima mais acolhedor e facilita o aprendizado.

Lima et al. (2024) aponta que não se esquecer do lado emocional. Muitas vezes, as dificuldades de aprendizagem trazem um peso extra para o aluno, como a frustração e uma baixa autoestima. Nesse caso, o professor precisa ser um apoio não só no aspecto acadêmico, mas também no emocional. Criar um ambiente seguro e positivo, onde cada progresso seja valorizado, é essencial para que o aluno se sinta motivado a continuar se esforçando. Como Piaget bem disse, o aprendizado é muito mais eficaz quando a criança se sente segura e encorajada.

Por fim, o trabalho em conjunto entre a escola, a família e os profissionais de saúde são fundamentais. O professor pode orientar os pais sobre o que está acontecendo e sugerir atividades para reforço em casa, enquanto os profissionais da saúde entram com o suporte especializado. Esse trabalho colaborativo fortalece todo o processo e garante que o aluno tenha um suporte integral.

O professor é um dos pilares essenciais no processo de identificação e apoio a alunos com dificuldades de aprendizagem. Seu olhar atento e sua capacidade de adaptar as práticas pedagógicas podem transformar a experiência escolar desses alunos, fazendo com que, com o apoio certo, eles possam alcançar seu potencial. Afinal, com o devido conhecimento e suporte, todo aluno tem a chance de se desenvolver, independentemente das dificuldades que enfrente.

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E MULTIDISCIPLINARES

A intervenção pedagógica para crianças com transtornos de aprendizagem na Educação Infantil precisa ser bem planejada e, principalmente, envolvente, como um verdadeiro jogo de equipe, onde todos os profissionais trabalham juntos para garantir que cada criança tenha o apoio necessário para se desenvolver. Não se pode realizar de qualquer maneira, mas, é preciso olhar para as crianças de forma atenta e entender as suas necessidades, sempre buscando estratégias que ajudem tanto no campo cognitivo quanto no motor.

O que é importante não é só o desenvolvimento das habilidades cognitivas, mas também o motor, que anda de mãos dadas com a aprendizagem. Isso significa que precisamos, sim, de atividades que desafiem o cérebro, mas também que incentivem a coordenação, o movimento e a percepção do corpo. Carvalho et al. (2022) sugere jogos de memória, quebracabeças, brincadeiras que exigem resolução de problemas, que são excelentes para treinar o raciocínio e a atenção. E, claro, atividades como recortar, colar, brincar com objetos pequenos e até os jogos de movimento ajudam as crianças a se tornarem mais independentes e precisas nos seus movimentos.

A partir do conhecimento, o professor pode montar estratégias mais personalizadas e eficientes, que vão de encontro às necessidades da criança. E isso não se resume só a livros e cadernos, mas sim em utilizar re-

cursos tecnológicos, metodologias que envolvem mais de um sentido, como o ensino multissensorial, que desperta o interesse da criança de um jeito mais dinâmico e acessível.

Cada transtorno de aprendizagem exige uma abordagem diferenciada. De acordo com Back et al. (2020) para a dislexia, o uso de recursos visuais, como textos com fontes ampliadas e apoio fonético, pode fazer toda a diferença. Já para a discalculia, o uso de materiais manipuláveis, como blocos lógicos e ábacos, ajuda a criança a visualizar e entender melhor os conceitos matemáticos. No caso da disgrafia, atividades que ajudem a criança a melhorar a coordenação motora, como escrever com suporte de linhas-guia ou usar lousas magnéticas, são essenciais. E para as crianças com TDAH, a chave está em ter um ambiente organizado, com rotinas bem definidas e o uso de reforço positivo para estimular a atenção e a concentração.

Mas nada disso funciona se não houver colaboração entre os profissionais. Cada um tem um papel crucial nesse processo. O pedagogo é o responsável por adaptar o ensino, enquanto o psicólogo cuida do lado emocional da criança, ajudando-a a lidar com as dificuldades que vão além do aprendizado. O fonoaudiólogo trabalha as questões de linguagem, especialmente na fala e na leitura, enquanto o terapeuta ocupacional auxilia nas funções motoras. Todos esses profissionais trabalhando em conjunto formam uma rede de apoio que garante que a criança tenha o suporte necessário para se desenvolver de maneira completa e equilibrada.

Afinal, o sucesso da intervenção pedagógica depende de uma combinação de fatores: olhar atento dos educadores, estratégias eficazes e, acima de tudo, um trabalho colaborativo. Quando tudo isso se encaixa, a criança consegue encontrar seu lugar no processo de aprendizagem, de forma acessível e significativa, superando as dificuldades e crescendo de maneira integral.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa destacou a importância da identificação precoce e das estratégias pedagógicas no atendimento a crianças com transtornos de aprendizagem. Fica evidente que o professor desempenha um papel fundamental nesse processo, sendo responsável não apenas pela detecção inicial das dificuldades, mas também pela adaptação das práticas pedagógicas para garantir um ensino mais inclusivo e eficaz. A partir da observação contínua e do trabalho em parceria com a família e profissionais especializados, é possível minimizar os impactos dos transtornos de aprendizagem no desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos.

Além disso, estratégias como metodologias ativas, flexibilização da avaliação e o uso de recursos multimodais demonstram-se eficazes para atender às necessidades individuais de cada estudante. A criação de um ambiente escolar acolhedor e motivador é essencial para estimular a autoestima e o engajamento desses alunos no processo de ensinoaprendizagem. O desenvolvimento infantil está diretamente ligado às interações sociais e à mediação do professor, tornando indispensável o investimento em formação docente para lidar com essas demandas.

Dessa forma, conclui-se que a atuação consciente e proativa dos professores, aliada ao suporte institucional e familiar, pode fazer a diferença na trajetória educacional de crianças com transtornos de aprendizagem. Investir em diagnósticos precoces, metodologias inclusivas e políticas educacionais voltadas para esse público não apenas melhora o desempenho escolar, mas também contribui para o desenvolvimento integral da criança, garantindo que cada aluno tenha a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

REFERÊNCIAS

BACK, Nadja Cristina Furtado et al. Modelo de avaliação de transtornos de aprendizagem por equipe interdisciplinar. Revista Psicopedagogia, v. 37, n. 112, p. 37-51, 2020.

CANCIAN, Queli Ghilardi; MALACARNE, Vilmar. Diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem. In: 2o Congresso Internacional de Educação. 2019.

CARVALHO, Aline dos Santos Moreira et al. TDAH–diagnóstico e papel do professor. Re-

search, Society and Development, v. 11, n. 2, p. e17711225724e17711225724, 2022.

CARVALHO, Mariana Coelho. Há relação entre desenvolvimento psicomotor e dificuldade de aprendizagem? Estudo comparativo de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dificuldade escolar e transtorno de aprendizagem. Revista Psicopedagogia, v. 32, n. 99, p. 293-301, 2015.

HUDSON, D. Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com Dislexia, Discalculia, Disgrafia, Dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC. Petrópolis: Vozes, 2019.

LETTIERI, A. P. Distúrbios de aprendizagem. Revista Gestão & Educação, v. 2, n. 3, p. 15-21, 2020.

LIMA, Aldeires Morais et al. Reflexões Sobre as Diferenças entre Dificuldades e Transtornos de Aprendizagem. Revista Tópicos, v. 2, n. 10, p. 1-16, 2024.

MATTOS, Gabriel Gonçalves. O papel do professor diante das situações de dificuldades e transtornos de aprendizagem. Revista Científica Eletrônica da Pedagogia, v. 15, n. 27, p. 1-9, 2016.

OHLWEILER, Lygia. Introdução aos transtornos da aprendizagem. Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar, v. 2, p. 107-111, 2016.

PEREIRA, V. A.; DE JESUS, D. S.; CATARINO, E. M.; PEREIRA, T. C. B. Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: possibilidades e desafios. Revista Científica Novas Configurações–Diálogos Plurais, v. 2, n. 2, p. 2736, 2021.

RELVAS, Marta Pires. Neurociência e transtornos de aprendizagem. Digitaliza Conteúdo, 2020.